

Mulheres no jornalismo esportivo relatam diferentes experiências

O gênero feminino já ocupa um significativo espaço na profissão, mas o setor esportivo ainda é fechado.

Por Caroline Magalhães

Duas mulheres que trabalham com cobertura esportiva, Talyta Vespa, de 22 e atualmente repórter em Esportes no Portal R7, e Valéria Cavallini, 45 anos de vida e 17 de carreira no ramo esportivo como chefe de reportagem no Estado de S. Paulo, contam com diferentes experiências em relação a uma área que prevalece sob maior presença do gênero masculino.

Para Talyta, as redações não são o maior problema. “Todas as minhas colegas apaixonadas por futebol já trabalharam em redações nas editorias esportivas”, alega. Segundo ela, é mais provável que mulheres se depararem com desavenças durante o trabalho do que para entrar. “A forma como colegas de outras emissoras te trata, às vezes com desdém”, afirma a jornalista que nunca teve a cobertura esportiva como um projeto a ser realizado em sua carreira – já estava trabalhando no R7 e, até ser transferida de editoria, não entendia nada de futebol. “Foi por acaso, coisas de redação”.

Talyta é a única mulher em uma redação com seis homens. Ela se queixa de que, eventualmente, é submetida a situações desagradáveis durante o expediente. “Já fui cantada por alguns técnicos de times enquanto tentava fazer uma entrevista, normalmente quando a abordagem era feita pelo WhatsApp, bem chato”, afirma a recém-formada pela Faculdade Cásper Libero que, ainda no início de sua carreira, resiste a uma área relativamente excludente. “Mostro com o meu trabalho o porquê estou e onde estou”.

Do assunto ela entende

Após passados quatro turbulentos anos de sua vida dedicando-se à correria pelos diplomas de seus dois cursos de graduação, Ciências Sociais na UNICAMP e Jornalismo, na PUC-Campinas, a jornalista e socióloga Valéria Cavallini se formou em 1993 e, após ingressar no Curso Intensivo de Jornalismo Aplicado (Curso de Focas do Estadão), se deparou com uma oferta para trabalhar



Valéria Cavallini em sua casa em Campinas. Atualmente não está trabalhando.

com esportes no jornal Estado de S. Paulo, “fui criada pelo meu pai e meus irmãos, sempre gostaram de esportes em casa, o assunto não era estranho pra mim”, lembra Valéria.

Sua facilidade em se adaptar aos assuntos de temática esportiva e ao ambiente de trabalho descrito por Valéria como “mais despojado e descontraído”, diferente das redações pelas quais a jornalista havia passando antes, levou Cavallini a subir uma carreira densa em uma esfera jornalística não muito receptiva para as mulheres - Valéria trabalhou por 17 anos como chefe de reportagens do Estado de S. Paulo, foi correspondente de nas olimpíadas de Sidney (2000) e Pequim (2008), na Paraolimpíadas de Londres (2012) e nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (1999), Rio (2007) e Guadalajara (2011), além de dar apoio local às edições de Atlanta (1996), Atenas (2004), Londres (2012) e trabalhado para o site oficial dos Jogos Rio 2016 – tudo isso, segundo Valéria, com muita articulação e equilíbrio para lidar com ‘piadinhas’ e alguns estranhamentos no ambiente de trabalho.

“Às vezes ouvia-se coisas do tipo: ‘ah, não vou falar palavrão porque tem mulher do lado’, mas eu não ligava muito”, afirma Valéria, “você não pode ser uma pessoa sensível, as ve-

zes não falam para magoar, mas acabam falando, né? Tem que levar as coisas com um pouco de tranquilidade, mais ‘de boa’”, completou.

Mulheres no Jornalismo

Segundo uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP), após ocorrer o processo de profissionalização do jornalismo, que se intensificou no século passado com o aparecimento dos cursos com credenciamento no Brasil e em Portugal, as mulheres foram conquistando o lugar na profissão.

Em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres, contabilizando 6.131 funções jornalísticas ante as 5.640 ocupadas por homens, revelando a tendência ao crescimento da presença feminina nos meios jornalísticos. No entanto, ainda é raro e menor e a representatividade feminina na cobertura esportiva. “Não é impossível a mulher entrar, mas quando um editor pensa ‘vou contratar um estagiário’, ele não está pensando em uma mulher, está pensando em um rapaz”, observa Valéria Cavallini.



Talyta Vespa na redação do R7.

Foto: Caroline Magalhães

Caso de preconceito

Em julho deste ano, o técnico do Sport Club Internacional de Porto Alegre, Guto Ferreira, em uma coletiva de imprensa após uma partida da na 15ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B, respondeu com descortesia a repórter Kelly Costa, da Rádio Gaúcha, após ser questionado sobre uma falha técnica de sua equipe durante a partida. “Desculpe. Eu não vou fazer essa pergunta para você porque você é mulher e, de repente, nunca jogou”, disparou o técnico e, após a ocasião, procurou a repórter para se desculpar, o que não o livrou das críticas nas redes sociais. Renata de Medeiros, colega da repórter Kelly, publicou um desabafo em seu Facebook, onde escreveu: “Eu estudei Jornalismo por quatro anos, cursei Gestão Técnica do Futebol pela Universidade do Futebol, fiz muitos cursos sobre tática e sempre li muito sobre o assunto. Mesmo assim, parece que sempre estou em desvantagem com relação aos colegas. Por que eles fizeram mais cursos do que eu? Não. Porque eles são homens”.

O texto obteve mais de 10 mil compartilhamentos e milhares de comentários de pessoas que se colocaram contra Guto.

Foto: Eduardo Enomoto